

### Outra opinião

— Tenho meu coração agoniado e defendê-lo-ei até ao fim. Estive com o gerente e conversámos sobre o assunto. Nosso caro Roque não agiu com premeditação. Não se pode afirmar que é realmente furto. O homem está obsidiado, mas infelizmente o Banco não sabe disso.

Era Raimundo Cecílio, o contador de grande organização bancária, advogando a causa de um colega que fugira pela manhã, carregando consigo nada menos de oitocentos mil cruzeiros.

O pequeno círculo de amigos, a princípio severo, como que se adoçava. A opinião de Raimundo era água fria na fervura.

E continuava:

— Quem de nós está livre? Amanhã, o assédio das entidades perturbadas e infelizes pode voltar-se contra nós. E' preciso compreender. Roque está doente. Doente da alma.

— Entretanto — opinou um companhei-

ro —, é esquisito! Olhe bem que ele soube empalmar com absoluta mestria oitocentos contos de uma só vez.

— Como poderia ser até mais — atalhou Cecílio, conciliador —; lembre-se de que ele tem os sentidos obliterados.

E enquanto o grupo chegava ao serviço, outro amigo acentuou:

— Raimundo, graças a Deus temos em você um companheiro espírita compreensivo e cristão. Um apoio fraterno, solucionando-nos as dificuldades morais.

— Ora, ora! isso é dever de nós todos — respondia Cecílio, convicto.

No saguão, porém, um contínuo aproximou-se e notificou:

— Sr. Raimundo, o senhor já soube?

— Soube o quê?

— O Roque, ao fugir hoje, pela manhã, carregou a capa que o senhor deixou aqui ontem.

E Cecílio, que se arvorara em defensor do colega, gritou, completamente transtornado:

— Gatuno! Cão vil! Pagará caro! Ele há-de ver!

